

SENTIDO DA CRÍTICA À RELIGIÃO NO PENSAMENTO DE LUDWIG FEUERBACH

Arlei de Espíndola¹

RESUMO:

A reflexão sobre o problema religioso é o centro das preocupações de Ludwig Feuerbach no conjunto de sua obra. Ele propõe a redução, em primeiro lugar, da teologia à antropologia dado ao fato de entender que os mistérios acerca de Deus e da religião explicam-se pelo conhecimento do homem. Seu pensamento, o qual mantém que na base de tudo está a natureza, vem indicar que este cria tanto Deus quanto a religião. A religião, prerrogativa apenas humana, tendo em vista neutralizar o sentimento de dependência e aplacar os desejos, revela-se, nas origens, por meio de celebrações solenes, marcando a devoção à natureza. Deus é resultado, por sua vez, da imaginação do homem e de sua capacidade de fantasiar, de representar. O objetivo de Feuerbach é mostrar que Deus e a religião são um espelho do homem, trazendo, na sua base, a essência dele, algo que este precisaria de fato tomar consciência. Mas, em consequência deste pensamento, contrário aos ditames da tradição, ele é tachado de ateu e inimigo da religião. Pretendo, neste artigo, caracterizar o sentido do problema da religião em Feuerbach visando afastar essas ideias negativas que sobre ele recaem. Para tanto, farei uma análise de várias passagens de três dos seus principais livros, na medida em que, assim, pode-se compreender que a religião é algo necessário ao homem e que ela não pode ser extinta de sua vida, uma vez que a busca de seu crescimento, visando atingir o cume de sua perfeição, passa pelo seu avanço em termos espirituais e pelo alargamento de sua sensibilidade.

PALAVRAS-CHAVES: homem; Deus; religião; natureza; filosofia.

ABSTRACT:

The reflection on the religious problem is the Centre of the concerns of Ludwig Feuerbach in his work. He primarily proposes the reduction from theology to anthropology given to understand that the mysteries about God and religion can be explained by the Knowledge of man. His thinking, which holds that on the basis of it all is nature, it come indicating that this creates either God or religion. The religion, just human prerogative, in order to counteract the feeling of dependence and placate the wishes, reveals, in the origins, through the solemn celebrations, marking the devotion to nature. God is the result, in turn, of their imagination and their ability to fantasize and represent. The goal of Feuerbach's presenting that God and religion are a mirror of man, bringing in its base, the essence of it, something that, in fact, needs to be aware. But, as a result of this thought, contrary to the dictates of tradition, he is branded an atheist and enemy of religion. I intend, in this article, to characterize the meaning of the problem of religion in Feuerbach in order to fend off these negative ideas about his fallen. To do so, i will make an analysis of multiple excerpts from his three major books, to the extent that, in a way that someone can understand that religion is something necessary to man and that it cannot be extinguished from its life, since the pursuit of its growth, aiming at reaching the Summit of perfection passes by its advance in spiritual terms and the enlargement of its sensitivity.

KEYWORDS: man; God; religion; nature; philosophy.

Desde a Antiguidade o problema de Deus e da religião enquanto algo filosófico atrai a atenção e o interesse de muitos filósofos. Ludwig Feuerbach (1804-1872) é um

¹Possui graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1992), mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Atualmente é Professor Associado, nível AC-A, da Universidade Estadual de Londrina/PR. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética e Filosofia Política.

pensador que deve ser levado em conta, no mundo do século XIX, quando se trata desse problema, pois ele mobilizou muito de suas forças intelectuais a fim de discuti-lo, legando-nos um volume considerável de textos. Em termos teóricos, suas obras guardam diferenças, umas em relação às outras, mas elas possuem, rigorosamente falando, “uma única meta, um intento, um pensamento, um tema. Este tema é exatamente a religião e a teologia e tudo o que com isso se relacione” (FEUERBACH, 1989, p. 14-15). Além do mais, Feuerbach considera o aludido problema como o “principal de (seu) pensamento e de (sua) vida, certamente de acordo com a diversidade dos anos e do ponto de vista” (FEUERBACH, 1989, p. 14-15). Por tudo isso, é recomendável que se reserve tempo e disposição para ler-se e depois julgar sua obra no intuito de tirar conclusões acertadas acerca de seu pensamento, em especial o religioso. Ao ser vítima de leitores apressados, movidos pelo interesse de encurtar o diálogo e também de enterrar o debate, Feuerbach acabou sendo tachado de ateu e inimigo da religião. Tenho certo, com base nos diversos textos do autor, que ele não pode ser definido assim, pois seu propósito é realizar um diagnóstico acerca dos males causados pela religião a fim de salvaguardá-la. Não se trata no seu caso, portanto, de negar absolutamente essa instituição, mas avaliá-la de um modo sério. Sabemos que leitores importantes de seus livros, como o são, por exemplo, Marx e Freud, ao ocuparem-se com a temática religiosa, assumem, no que eles têm de essencial, uma posição de repulsa e contrariedade. Enquanto Marx diz que “a religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não circula em torno de si mesmo” (MARX, 2005, p. 146), Freud afirma que seu “trabalho nos leva a uma conclusão que reduz a religião a uma neurose da humanidade” (FREUD, 1996, p. 68). Pretendo, neste texto, mostrar que Feuerbach opera com um conceito diferente, já que a religião, para ele, não é uma empresa absolutamente negativa.

Cabe preparar o terreno, iniciando o percurso, com vistas a fundamentar o pensamento sobre o real sentido da religião em nosso autor. Feuerbach, ainda que seja coerente, aprecia trabalhar com contradições, com paradoxos, nos seus escritos, reivindicando um lugar no quadro da tradição dialética, pois compreende que estes são os motores da vida, dando-lheo garantido e necessário movimento. De acordo com *A essência da religião*, a vida seria gerada, encontrando seus progressos no curso de seu desenvolvimento, pelo choque de coisas opostas, pelo conflito de elementos naturais, que interatuam, que se interpolam, garantindo uma unidade dos contrários. Feuerbach

entende, a propósito, que “são os elementos e as substâncias opostas que se atraem entre si e se unem sem nenhuma intervenção externa” (FEUERBACH, 2008, p. 29-30).

Edificar as coisas na ordem natural, mas também cultural, implica não numa unidade simples de elementos. Alcançam importância, aqui, coisas como, por exemplo, a diferença, a oposição, a dualidade, a heterogeneidade, a multiplicidade, abrindo espaço até para a própria tolerância religiosa. Tem-se viabilizada a quebra, por um lado, da estagnação e processa-se o surgimento da vida porque existem esses entes na natureza a partir dos quais acontecem fenômenos como: atritos, choques de substâncias distintas entre si, colisão de objetos variados. E tudo isso é revelado ao mundo externo, a despeito do idealismo, com o movimento da vida, com as experiências concretas dos homens, que se sobrepõem às realidades abstratas e imateriais. Ao final, acabamos premiados, por meio das frutíferas contradições, com o aparecimento de novos seres, outras substâncias, e novas realidades. Conforme Feuerbach:

A unidade é estéril: só é fecundo o dualismo, a oposição, a diferença. O que gera os montes não é somente algo diferenciado destes, senão também algo cujo interior é absolutamente heterogêneo, e, igualmente, o que gera a água não só são elementos distintos desta senão que também tem que ser distintos entre si, e inclusive opostos. Como o espírito, a agudeza, a sutileza e o bom juízo só se podem desenrolar no conflito, também a vida surgiu só a partir do conflito de elementos, forças e entes diversos, ou melhor dito, opostos (FEUERBACH, 2008, p. 45-46).²

Esse aspecto da filosofia de Feuerbach compete ao leitor considerar, ao adentrar-se nos textos com o anseio de acompanhar a reflexão, ainda mais que essa guarda a característica de ser dinâmica; e não poderia ser diferente quando todaídeia, todo conceito, é uma emanção da vida, da experiência, e da realidade.

Tomemos enquanto objeto, por ora, a ideia de natureza devido ao caráter central que ela possui na discussão que Feuerbach desenvolve sobre o homem, Deus e a religião. Em termos abrangentes, a natureza é a base fundamental, é o núcleo de sustentação, tanto da figura de Deus como do homem; por outro lado, é a fonte geradora

²Feuerbach antecipa esse mesmo conceito, calcado na ideia da contradição, da diferença, como motor da vida e do movimento, no texto de 1830 publicado anonimamente. Consulte-se: FEUERBACH, Ludwig. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*. Trad. de José Luis Garcia Rúa. Madrid: Alianza Editorial, 1993, p. 84. Jesus Ranieri contribui com a reflexão indicando “que todo o movimento é, por definição, contraditório, no sentido de que todo avanço, sendo ou não sinônimo de progresso, se contrapõe a forças que o contradizem”. Para absorver todo o raciocínio, veja-se: RANIERI, Jesus. *Trabalho e dialética; Hegel, Marx e a teoria social do devir*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 12.

destes dois entes, sem mesmo ser, no entanto, o próprio homem e nem a divindade, ainda que pareça às vezes com essa última.

Quanto às ideias em relação à natureza, presentes em *A essência da religião*, o filósofo – sendo agora mais específico – refere-se a ela, primeiramente, considerando-a como: o movimento cíclico das estações climáticas, os animais inferiores aos homens dos quais eles se beneficiam; isso é estendido ao reconhecimento dos astros, das estrelas, do sol, dos raios, dos trovões, etc. Esses entes possuiriam uma essência e seriam convertidos em objetos religiosos, sendo transformados em alvos de cultos, de celebrações solenes. Feuerbach chega em alguns momentos a tomar a natureza, aí pensada, enquanto força que exerce, nas origens, o papel de divindade, de ser absoluto, apesar desta, como dissemos antes, não ser isto.

Noutros momentos, entretanto, a ideia de natureza assume, em Feuerbach, outras características. Agora ela já é apresentada, por exemplo, como tudo aquilo que se distingue da essência humana ou da essência divina, que seriam, aliás, uma mesma coisa. A natureza faz-se, portanto, todo o elemento, todo o objeto, que não se constitua enquanto algo humano ou divino. Essa interpretação se confirma com a leitura do primeiro aforismo de *A essência da religião* onde se lê: “o ente distinto e independente da essência humana ou Deus, o ente que não possui essência humana, propriedades humanas, individualidade humana não é outro, em realidade, que a natureza” (FEUERBACH, 2008, p. 23).

Tem-se, ainda, um sentido diferente e talvez mais profundo impresso à ideia de natureza, o qual remonta ao princípio estabelecido por Protágoras que via o homem, no mundo antigo, como “a medida de todas as coisas”. Julgando esse último por esta perspectiva, a natureza é considerada enquanto uma projeção humana, enquanto algo que este representa para si mesmo. Aqui essa deixa de ser um simples objeto externo caracterizado como inóspito, suscetível de ser domado e cultivado pelo homem, passando a configurar-se num ente que depende da avaliação, conceitos e afetos humanos. Cito Feuerbach:

O mundo ou a natureza são como aparecem ao homem, quer dizer: segundo a representação que este se forma, assim são para ele; seus próprios sentimentos e representações são para ele, de forma imediata e inconsciente, a medida da verdade e da realidade; a natureza se o aparece tal e como ele mesmo é (FEUERBACH, 2008, p. 72).

Impõe-se reiterar qual a posição reservada à natureza no comércio que ela mantém tanto com Deus e a religião quanto com o homem, caracterizando de fato isto. Veja-se que em uma referência genérica à natureza a mesma conserva um lugar hegemônico, um posto de supremacia, na relação estabelecida com a religião. Diz o texto feuerbachiano: “não é que a natureza seja só o primeiro e originário objeto da religião”(FEUERBACH, 2008, p. 30-31) haja vista que, por força de sua grandeza e sublimidade, ela representa seu: “princípio gerador mais seguro, seu subsolo permanente” (FEUERBACH, 2008, p. 30-31), ainda que isso não se mostre como uma coisa óbvia.

Agora observemos a relação que a natureza mantém com Deus na escrita de Feuerbach, buscando notar que Deus, tal como a religião e o homem, é fruto da natureza, e não o contrário disto, fazendo-se, todos estes, entidades próprias: “a existência da natureza não se baseia de nenhuma maneira (como se engana o teísmo) na existência de Deus, senão justamente tudo o contrário: a existência de Deus, ou melhor dito, a crença em sua existência, tem seu único fundamento na existência da natureza” (FEUERBACH, 2008, p. 31). Essa enraizagem em princípio, por sua vez, não em um ato criativo praticado pelo ser humano, diferentemente do que se passa com Deus; esse é concebido a partir da crença que se desenvolve, na opinião de Feuerbach, no íntimo do homem. Como Deus assumiria formas e características humanas, porque o homem lhe cria segundo sua imagem e semelhança, a natureza vem a ser aquilo que ele não é:

Quando falas da existência de Deus como algo alheio ao coração e ao raciocínio do homem, como algo que existe e esteja independentemente de que exista ou não o homem, pense ou não em Deus, sinta ou não anelo dele, em realidade não estás falando de outra coisa que da natureza, cuja existência não se apoia na do homem e muito menos na economia do intelecto humano (FEUERBACH, 2008, p. 31).

Convém reforçar que o homem possui a fonte de sua vida, a base de seu nascimento, e mesmo de sua conservação, apoiada também na natureza; ele conta com as forças e recursos que ela lhe disponibiliza, razão pela qual o compete considerá-la, admitindo-a enquanto algo presente, bem como reconhecer seu poder interventivo no mundo. Enfim, há de ser uma falta do ser humano, sobretudo, negar que cabe à natureza o lugar de mãe, o posto de genitora. Em síntese, escreve Feuerbach: “estando situados no interior da natureza: deveríamos pôr fora dela nosso início, nossa origem? Vivemos

na natureza, com a natureza e da natureza, e não vamos advir dela? É uma contradição!” (FEUERBACH, 2008, p. 40).

Ciente do lugar e papel da natureza, na reflexão de Feuerbach, cabe agora buscar compreender por que o homem necessita de religião e também onde está sua origem. Os principais livros do filósofo são complementares na fundamentação destas questões de modo que não é recomendável reduzir-se a apenas um deles. Com efeito, Feuerbach indica, em linhas gerais, que a religião não significa algo à parte na história humana, mas mantém relação direta com a natureza mais profunda do homem. Sua premissa básica está assentada na ideia de que “o mistério da teologia é a antropologia” (FEUERBACH, 1989, p. 25), pois os segredos acerca de Deus e da religião são explicáveis com o acesso ao ser do homem. A essência da religião não encontra seu ancoradouro em mundos abstratos e imateriais, mas tem sua base na essência humana que tanto é seu fundamento quanto seu objeto. Em síntese: “a essência da religião, tanto subjetiva quanto objetivamente, nada mais revela e expressa que não a essência do homem” (FEUERBACH, 1989, p. 25).

A religião recebe crédito em *A essência da religião*, mas não é indicado exatamente por que a mesma é estabelecida com a intervenção humana. Se a religião não é vista, por um lado, como algo inato ao ser humano enquanto qualquer forma de deísmo, de teísmo, e de crença numa divindade, assentada na posição de um ser transcendente, por outro lado, é julgada como uma coisa imprescindível ao homem, definindo que este é em termos essenciais. O homem reconhece que é um ser dependente da natureza, que não deve seu existir a si próprio, convencendo-se de que não pode, ao final, descartar a religião:

A religião é para o homem, exatamente, tão necessária como o é a luz para o olho, o ar para os pulmões e a comida para o estômago. A religião faz profissão e é a declaração de tudo o que sou; e o que sou antes de tudo é um ente que não existiria sem luz, sem ar, sem água, sem terra, sem alimento, isto é, um ser por inteiro dependente da natureza (FEUERBACH, 2008, p. 24).³

Feuerbach considera que a religião é uma prerrogativa humana; só o homem possui recursos mentais e espirituais para criar religiões buscando celebrar, num

³Conforme Brugger: “em todos os povos e épocas se encontra alguma religião; nem a história nem a pré-história conhece um estado a-religioso da humanidade” (BRUGGER, Walter. *Dicionário de filosofia*. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. 2 ed. São Paulo: Herder, 1969, p. 356).

primeiro momento, a grandeza e a robustez da natureza: “Qualquer forma de vida depende do ciclo das estações, mas unicamente o homem celebra este ciclo com representações rituais e celebrações solenes” (FEUERBACH, 2008, p. 24). Essas manifestações alcançam um valor histórico; ao cultuar, a título ilustrativo, o ciclo das estações anuais, bem como as distintas fases lunares, o homem impulsiona o florescimento das “mais antigas, as primeiras e as mais autênticas manifestações religiosas da humanidade” (FEUERBACH, 2008, p. 24).

Em *A essência do cristianismo*, nos seus parágrafos iniciais, Feuerbach vai mais fundo na busca por explicar em que se baseia a religião preliminarmente, dando-nos a indicação de que haveria o que ele chamade “diferença essencial” entre o homem e o animal. Essa diferença revela-se, ao contrário do que pensam Marx e Engels, quando o primeiro exerce sua capacidade de alcançar a consciência sobre as coisas do mundo no sentido rigoroso do termo.⁴ Sendo um ente sensível, o animal até consegue atingir um dado nível de consciência, mas ele está preso ao âmbito individual, carecendo de possuir seu gênero enquanto objeto: “consciência no sentido rigoroso existe somente quando, para um ser, é objeto o seu gênero, a sua quiddidade” (FEUERBACH, 2007, p. 35).

O homem em virtude desta característica própria pela qual se mostra bem menos limitado, ultrapassando a consciência de si mesmo, chegando no nível do ser genérico, goza de uma vida dupla do ponto de vista espiritual.⁵ Essa vida dupla é estabelecida por meio da experiência humana de convivência com uma vida interior e outra exterior, identificando-se a primeira com a relação, notadamente, que o homem mantém com o seu gênero, tendo-o enquanto objeto. Diferentemente do animal, o homem pode, de fato, conversar consigo mesmo, tornando-se num só tempo “eu” e “tu”, reconhecendo-se, ao final, enquanto indivíduo e enquanto parte de uma coletividade. Quando ele assume-se a si mesmo como objeto enquanto ser genérico, sedimenta-se a consciência no sentido rigoroso do termo, significando isto deparar-se com o ilimitado, com o infinito, encontrando-se no âmbito da universalidade:

consciência no sentido rigoroso ou próprio e consciência de infinito são conceitos inseparáveis; uma consciência limitada não é

⁴ Para Marx e Engels, ao contrário de Feuerbach, os homens começam a se distinguir dos animais quando passam a produzir seus meios de existência, beneficiando-se de sua própria organização corporal. Veja-se o desenvolvimento desta ideia em: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Trad. de Luis Claudio de Castro e Costa. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 10-11.

⁵ Para a reflexão em torno destes diferentes níveis de consciência, veja-se Christian Berner no artigo “Le sentiment d’être” presente em: SABOT, Philippe. *Héritages de Feuerbach*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2008.

SENTIDO DA CRÍTICA À RELIGIÃO NO PENSAMENTO...

Arlei de Espíndola

consciência; a consciência é essencialmente de natureza universal, infinita. A consciência do infinito não é nada mais que a consciência da infinitude da consciência. Ou ainda: na consciência do infinito é a infinitude da sua própria essência um objeto para o consciente (FEUERBACH, 2007, p. 36).

Vale frisar de maneira mais incisiva o que representa o objeto para o homem no curso de sua vida prática. Esse não deve abdicar de estabelecer comércio com ele ininterruptamente porque se trata de algo que lhe é imprescindível. Afinal, o ser humano não é nada sem objeto e “grandes homens, homens exemplares, que nos revelam a essência do homem, confirmaram” (FEUERBACH, 2007, p. 37) essa verdade. E a razão para isso está no fato, em primeiro lugar, de que o homem toma consciência acerca de sua essência desde a relação que ele mantém com aquilo que é transformado em seu objeto. Encontra-se oportunidade, em segundo lugar, de conhecer-se o homem no contato com sua verdadeira essência justamente pela interação que é realizada entre sujeito e objeto. Escreve Feuerbach: “Toma o homem consciência de si mesmo através do objeto: a consciência do objeto é a consciência que o homem tem de si mesmo. Através do objeto conheces o homem; nele a sua essência te aparece; o objeto é a sua essência revelada, o seu eu verdadeiro, objetivo” (FEUERBACH, 2007, p. 38).

Mostra-se oportuno indicar que a relação mantida pelo homem com o objeto, desde a qual ele busca no seu constante movimento, entre tantas coisas, desenvolver-se, conhecer-se, conservar-se, é que permite que sejam solidificados seres de várias naturezas. Nesta relação também é constituído o objeto de cunho religioso; com esse último, floresce um dado tipo de consciência no homem que significa, por um lado, o entendimento das coisas no grau originário de compreensão que ele pode efetivamente atingir; mas isso pode significar, por outro lado, a verdade mais substantiva à medida que esta dispensa qualquer mediação, fazendo-se algo imediato.

Não falamos, ainda, sobre em que consiste a essência do ser humano da qual ele possui consciência, como indicamos precedentemente, realizando aos poucos sua própria humanidade. Aqui aparece na escrita de Feuerbach uma trindade divina que corresponde ao homem completo, sublime, e unificado consigo mesmo, formada pelas três potências seguintes: razão, vontade, e coração. O homem beneficia-se desta essência própria, que está relacionada, pela ordem, ao pensamento, à liberdade, e ao amor, quando age ou contempla o mundo, tendo o objetivo de conquistar sua máxima perfeição, visando o cumprimento de seus progressos. Segundo Feuerbach: “Razão, amor e vontade são perfeições,

são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência. O homem existe para conhecer, para amar e para querer” (FEUERBACH, 2007, p. 36).

Essa essência absoluta e verdadeira que se pretende divina, pressupondo a trindade indicada, não é algo dado ao homem sem a vida e sem a experiência. Ela requer o exercício, o desenvolvimento, de um tipo de atividade que focaliza o trabalho consigo mesma, cobrando pelo aprimoramento total do ser humano no seu ponto de chegada: “A essência verdadeira é a que pensa, que ama, que deseja. Verdadeiro, perfeito, divino é apenas o que existe em função de si mesmo. Assim é o amor, assim a razão, assim a vontade”(FEUERBACH, 2007, p. 36).

Em se tratando do ser humano, compreendo que não se pode desconsiderar a figura deste, inicialmente, enquanto ser individual. Mas a essência em questão, identificada com a trindade divina nele próprio, reconhece a necessidade de ultrapassar-se este âmbito subjetivo para abarcar-se a coletividade, chegando-se então ao ser genérico. Esse é revelado ao mundo, na sua perfeita unidade, com a objetivação da essência humana. Enfim: “a trindade divina no homem e que está acima do homem individual é a unidade de razão, amor e vontade” (FEUERBACH, 2007, p. 36).

O homem sente-se movido a estabelecer a religião e a transformar um ente em objeto religioso não porque tem aquela consciência especial e é dotado de uma essência própria. Isto acontece, na verdade, dado ao fato de ele atentar-se ao “sentimento de dependência” que o atinge inexoravelmente também porque é de sua natureza possuir desejos. Tratemos por ora do “sentimento de dependência”. Este sentimento emerge inicialmente da relação que o homem mantém com a natureza; ele convence-se de um lado, neste momento, de sua: limitação, finitude, vulnerabilidade, fragilidade, impossibilidade de ser feliz eternamente, de fugir para sempre da dor, das doenças, etc. Propenso ao risco de amedrontar-se, de sentir-se constrangido, de aterrorizar-se, diante da robusta presença da natureza, elevada ao grau de divindade, ou mesmo perante Deus, cuja existência deve-se ao concurso de sua imaginação, de sua fantasia, o homem termina julgando-se diminuído. Feuerbach, com efeito, compreende que há esse contraste entre os deuses e os homens, razão pela qual os últimos muito se ressentem. Mas em que reside, a título ilustrativo, tais diferenças?

Só em que aqueles não têm limites e estes sim, em que os primeiros existem sempre e os segundos só tem existência temporal, momentânea. Os homens vivem e morrem; os deuses pelo contrário

são imortais, vivem eternamente; os homens são também felizes, só que não de forma ininterrupta como os deuses; os homens, ademais, são bons, mas não sempre, e justo aí reside, segundo Sócrates, a diferença entre a deidade e a humanidade: em que os deuses são bons sempre (FEUERBACH, 2008, p. 96).

A religião é uma espécie de objetivação do “sentimento de dependência” que aparece como um recurso eficaz para o homem lidar com as emoções que emergem de sua relação com a divindade; é um caminho utilizado para ele celebrar, reverenciar e administrar tanto seu medo, seu temor, quanto seu encantamento, sua alegria, sua admiração em face da natureza, que se revela, por exemplo, com seu reconhecimento da importância do ciclo das estações para a vida em geral; também a identificação, originariamente, da existência dos astros, do sol, das estrelas, e a consciência da importância que estes possuem, deve justificar, ao serem transformados em objetos religiosos, cultos e celebrações solenes.

A mola propulsora da religião, calcada no “sentimento de dependência”, emerge para Feuerbach tanto de estados de espírito positivos quanto de estados negativos. Exemplificando, veja-se o sentimento de medo que “nada mais é do que o aspecto mais popular e mais evidente do sentimento de dependência” (FEUERBACH, 1989, p. 30). Seguidamente, esse é convertido em uma causa da religião, instituindo-se como fator negativo com poder para gerar essa empresa. Mas Feuerbach julga, entretanto, que existem sentimentos positivos com potencial de levar também ao surgimento da religião como é o caso da satisfação, da alegria, etc. Ou seja, não é só um ente mergulhado no estado de medo, encontrando-se tomado pelo terror, que costuma recorrer ao socorro de Deus para ver-se confortado. Isso é passível de ser empreendido, igualmente, pela pessoa satisfeita, contente consigo mesma, que desfruta o prazer de viver, estando em perfeita unidade com ela própria e em harmonia com seus semelhantes. Conclui Feuerbach:

Eu seria então excessivamente unilateral, cometeria até mesmo uma injustiça contra a religião, se estabelecesse o medo como a única explicação para a religião. Distingo-me dos teístas e dos panteístas anteriores (neste ponto tinham os panteístas a mesma posição filosófica dos teístas), como, por exemplo, Espinosa, exatamente por estabelecer para a religião não somente causas negativas, mas também os sentimentos contrários aos do medo, os sentimentos positivos da alegria, da gratidão, do amor e da adoração, e por afirmar que, tanto

SENTIDO DA CRÍTICA À RELIGIÃO NO PENSAMENTO...

Arlei de Espíndola

quanto o medo, também o amor, o júbilo e a adoração criam deuses (FEUERBACH, 1989, p. 34).⁶

Não obstante, Feuerbach considera o sentimento de dependência como o único nome aceito universalmente paracaracterizar e justificar o fundamento psicológico e subjetivo da religião. Mas o filósofo alerta, entretanto, que esse sentimento não existe enquanto tal uma vez que ele é sempre algo determinado, algo em específico. Pela natureza do pensar e do falar, derivamos os sentimentos determinados de nomes e conceitos gerais. Mas o que existe mesmo, porém, são aquelas coisas, aqueles objetos, que apreendemos com a vida, com a experiência, quando estamos inseridos no mundo concreto, longe dos planos abstratos, imateriais, e idealísticos:

Não existe nenhum sentimento de dependência como tal mas sempre sentimentos determinados e especiais, como, por exemplo, (para tomar exemplos à religião natural) o sentimento da fome, do mal-estar, o medo da morte, a tristeza em tempo escuro, a alegria no bom tempo, a dor em consequência do esforço inútil e de esperanças fracassadas diante de acontecimentos naturais desastrosos, casos em que o homem se sente dependente (FEUERBACH, 1989, p. 35).

Feuerbach avança acrescentando ao seu trabalho a reflexão em torno do papel reservado ao desejo. Não há uma indicação, nos seus textos, de que o desejo seja derivado do “sentimento de dependência”. Cabe perguntar, todavia, o que é um desejo propriamente dito na concepção do filósofo. O desejo, antes de qualquer coisa, está associado àquilo que o homem quer, mas não tem condições de conquistar: “o desejo é uma aspiração cuja satisfação não está em meu poder, é uma vontade sem o poder de transformar-se em ato” (FEUERBACH, 2008, p. 59-60). Além disso, o desejo é concebido como uma coisa que se vincula à origem da figura de Deus e da religião: “o desejo é a origem, a essência mesma da religião. A essência dos deuses não é outra coisa que a essência do desejo” (FEUERBACH, 2008, p. 60). Enfim, diz Feuerbach: “quem não tem nenhum desejo tampouco tem algum Deus” (FEUERBACH, 2008, p. 61).

⁶Spénlé mantém-se, num estudo já antigo, na linha daqueles que pensam que apenas estados de espírito negativos geram a religião. Segundo ele: “o homem é religioso porque tem fome e sede, porque experimenta necessidades, esperanças e medos. Pelo culto, pela prece, por meio dum sacrifício, dum rito, dum fórmula ou dum processo mágico, quer conciliar-se a ajuda ou o favor dos deuses, livrar-se dum perigo ou implorar a realização dum súplica” (SPENLÉ, J.-E. *O pensamento alemão; de Lutero a Nietzsche*. Coimbra: Arménio Amado, 1963, p. 124-125).

É experimentado um dilema pelo homem quando se encontra em situações adversas e também quando brota em seu íntimo uma ou outra necessidade inexorável; nestas ocasiões, ele apercebe-se de seus limites, compreendendo que não pode tudo aquilo que quer. O curioso é que isso não produz nele o arrefecimento dos desejos, ficando estes ainda mais robustos e latentes em suaintimidade: “quanto mais atadas tenho as mãos, tanto mais se desatam meus desejos, tanto mais forte é meu anelo de liberação, tanto mais enérgico é meu impulso para a liberdade, a que minha vontade não se veja restringida” (FEUERBACH, 2008, p. 62).

Essas dificuldades relativas ao suprimento dos desejos podem ser contornadas, mesmo que só na fantasia, à medida que o ser humano perceber que dispõe do recurso à divindade. É certo que ele, dadas suas limitações e fragilidades, aceita alimentar-se com suas ilusões, com seu mundo imaginário, mantendo-se no reino do incorpóreo, enredado na esfera abstrata. Mas os deuses realizam, de acordo com Feuerbach,(numa argumentação curiosa)os desejos humanos, ultrapassando o reino de suas fantasias chegando ao campo do corpóreo, do materializado, sem deixar de sugerir, no entanto, uma unidade com os homens uma vez que eles seriam, no fundo, um mesmo ente. Afirma Feuerbach:

Os deuses são capazes de realizar aquilo que os homens sonham, o que quer dizer que fazem efetivas as leis do coração humano. O que para os homens se circunscreve ao âmbito da alma forma parte do corpo dos deuses; do que aqueles são capazes só na vontade, na fantasia, no coração, isto é, unicamente no espírito o podem os deuses fisicamente. Os deuses são os desejos do homem personificados, corporizados, realizados; são os limites naturais do coração e da vontade do homem superados; são entes da vontade ilimitada, entes cujas forças físicas vão a par com as forças de sua vontade (FEUERBACH, 2008, p. 62).

Após falar da natureza, do homem, do sentimento de dependência, do desejo, dentre outras coisas, e ancorar neste papel desempenhadopela divindade, é preciso explorar melhor a ideia de Deus. Com efeito, sabemosque Deus, assim como o homem, existe porque a natureza aparece enquanto base, enquanto fundamento, e não o contrário disso. Mas ele existiria enquanto um objeto qualquer identificado no mundo? Não. Deus só existe enquanto objeto da religião e representa um equívoco confundi-lo com um ente físico qualquer, tratá-loenquanto objeto científico, julgando-o segundo uma visão naturalística:

‘Deus’ é uma palavra religiosa, um objeto e um enterreligioso, não um ente físico, astronômico, em suma, cósmico; certamente Deus se manifesta também no mundo, na natureza, mas só como objeto da religião ele mesmo e não da física, não da visão natural ou não religiosa [...]. Deus é um objeto cuja existência só se dá com a existência da religião, cuja essência só se dá com a essência da religião e que, portanto, não existe fora da religião, nem diferenciado nem independente dela, e no que não está contido objetivamente nada mais que o contido subjetivamente na religião (FEUERBACH, 2008, p. 101-102).

Caracterizado como um objetoreligioso, Deus inexistente enquanto algo concreto, palpável, mensurável, quer dizer, ele não se faz um dado, uma coisa empírica; sua aparição realiza-se na forma de imagem, de representação, que é edificada com o auxílio, com o concurso, da capacidade do ser humano de imaginar, fantasiar, e também colocar em atividade seu coração, seus sentimentos. Seguidamente, o homem dele se vale ora para tornar sua vida possível, ora para contemplá-lo, mas sua essência de maneira alguma se modifica, fazendo-o um estranho para ela. Num registro sumário, diz Feuerbach: “Deus mesmo não é outra coisa que a essência da fantasia ou da imaginação do homem, a essência do coração humano” (FEUERBACH, 2008, p. 104). Quando algo é transformado num objeto religioso, convém contar-se com essa espécie de regra isolando a possibilidade de ele tornar-se algo material, físico, corporizado, como seria o caso, por exemplo, de uma concha de caracol ou uma pedra. Na experiência religiosa, em Feuerbach, nunca é possível, portanto, que o ente seja ele mesmo, e “tudo o que seja objeto da religião [...] só é objeto da religião na medida em que seja um ente da alma, da representação, da fantasia” (FEUERBACH, 2008, p. 66).

Compete-nos alcançar ciência, neste momento, acerca do que Deus representa para o homem bem como saber qual a expectativa que esse último conserva ao ver-se diante dele. O alvo maior de Feuerbach, com efeito, reside em conceder ao homem a dignidade que lhe é devida, assentando-o no lugar superior que lhe seria de direito. Mas o filósofo quer, antes de tudo, chamar a atenção para o contraste que há entre Deus e o homem devido à atitude subalterna assumida por esse último que contribui para sua diminuição, tornando o primeiro infinitamente superior. Dado ao modo tradicional de compreender-se Deus, dada à forma popular de delineá-lo, reserva-se para ele o posto naturalizado de ser supremo. Em resumo: “Deus é o ser não determinável segundo dimensões humanas, é o ser incomensurável, infinito, ou ao menos assim se lhe aparece ao homem” (FEUERBACH, 2008, p. 34).

SENTIDO DA CRÍTICA À RELIGIÃO NO PENSAMENTO...

Arlei de Espíndola

Existiria algo de enigmático em Deus, algo de incompreensível, e isso é uma coisa que se justifica porque a natureza mesma, encontrando-se no plano mais elevado, é assim para o homem: “Deus é o ser misterioso e incompreensível, mas somente porque para o homem, e particularmente para o homem religioso, a natureza é um ente misterioso e incompreensível” (FEUERBACH, 2008, p. 34). Tão importante quanto isso, porém, é a realidade de o homem conceber que Deus possui mais forçoso que ele, que se trata aí de um ser todo-poderoso; contribui para que as coisas se deem dessa forma, em síntese, o fato de o homem conviver com sentimentos que o rebaixam diante dele. Vendo-se perante Deus, ele experimenta: “o humilhante sentimento de sua limitação, de sua impotência, de sua nulidade” (FEUERBACH, 2008, p. 32). É conservada a esperança no âmago do ser humano, todavia, de que Deus realize, finalmente, as coisas que ele julga ser impossíveis, mas de que necessita para subsistir ficando numa posição confortável. Enfim: “Deus é o ser mais poderoso, ou melhor dito, é todo-poderoso, o que quer dizer que é capaz de realizar tudo aquilo que para o homem resulta impossível” (FEUERBACH, 2008, p. 32). Em outras palavras: “Deus é o ente para o qual nada é impossível, o ente que tem o poder para ser o criador de infinitos mundos, a encarnação de toda possibilidade, de todo o imaginável” (FEUERBACH, 2008, p. 75).

Para encerrar-se esse tópico, é de se indicar que Deus, na opinião de Feuerbach, ao contrário do que pensam, por exemplo, os devotos do cristianismo, não é a causa e a origem de tudo no universo.⁷ Ele aparece enquanto um produto da construção, do trabalho, empreendido pelo homem que se utiliza de suas faculdades e poderes de imaginar, de pensar, e de representar, buscando dar-lhe vida, apresentando-o ao mundo. Deus resulta “como um ente feito realidade, objetivado, verdadeiro; quer dizer, como o mais real de todos, como o ente absoluto” (FEUERBACH, 2008, p. 75), pelo impulso do agir dos homens; nele reflete-se, portanto, a essência deste último, a qual é plenamente consumada.

Referência precisa ser feita, nesta altura, ao fenômeno religioso que se define como um “milagre”. Tem-se de perguntar qual o lugar da crença nos milagres nesta relação que o homem mantém com Deus e a religião. Costuma acompanhar a crença em

⁷ Há uma chamada literatura anticristã da qual *O Anticristo* (1888) de Nietzsche é hoje considerado um clássico. *Ecce homo* foi escrito logo após esse texto do filósofo prosseguindo a diátribe contra o cristianismo. Pode-se dizer que Feuerbach faz parte, notadamente, deste rol com a escrita, por exemplo, de *A essência do cristianismo* (1841). Enfim, é importante não esquecermos de que a ideia anticristica é tão velha quanto o próprio cristianismo.

SENTIDO DA CRÍTICA À RELIGIÃO NO PENSAMENTO...

Arlei de Espíndola

Deus, ou nos deuses, a fé depositada justamente nos milagres, razão pela qual esse último não pode ser abolido sob a pena de comprometer-se, aliás, a existência da própria divindade. Diz Feuerbach: “os milagres são, portanto, inseparáveis do governo e da providência divinas; [...] acabar com os milagres significa acabar com os deuses mesmos” (FEUERBACH, 2008, p. 95-96).

Feuerbach considera que há uma oposição entre os deuses e a natureza, mas ele acredita que os milagres se apresentam como o fator, como o acontecimento, que eleva os primeiros na relação com esta última. Os milagres: “são as únicas provas, revelações e aparições dos deuses como entes e poderes distintos da natureza” (FEUERBACH, 2008, p. 95-96). Tanto os deuses quanto os milagres, por outro lado, se estabelecem no mundo, mesmo que imaginário, porque surgem dificuldades, aparecem entraves, em dados momentos da vida que desfazem o curso regular das coisas, pondo os homens em risco. Com a presença de Deus, todavia, é rompida, por uma parte, a limitação humana, e os milagres definem, por outra parte, o rebaixamento da natureza, à medida que os desejos voltam a se realizar efetivamente, vence-se o sentimento de dependência, etc: “os deuses e os milagres devem sua existência unicamente a exceção à regra. A divindade é a supressão das deficiências e dos limites no homem, que são justamente a causa da exceção à regra; o milagre é a supressão das deficiências e dos limites na natureza” (FEUERBACH, 2008, p. 97).

Em síntese, por meio dos milagres, ainda que os desejos dos homens possam não ser contemplados concretamente, haja vista que se trata aí de um acontecimento sobrenatural, vê-se atendida a finalidade da religião. Com os milagres, que não podem beneficiar-se de uma explicação científica, revela-se a imposição do homem diante da natureza e a divindade deste é tornada manifesta. A partir daí, a vida passa a seguir seu curso regular e o homem faz-se atento aos ditames de sua essência que busca efetivar-se, tornando-o um ser integral. Para Feuerbach: “no milagre se cumpre o fim da religião de maneira sensível e popular: supõe o domínio do homem sobre a natureza, e a deidade do homem passa a ser uma verdade manifesta” (FEUERBACH, 2008, p. 99-100).

Agora é válido perguntar, ao abrir-se a parte final do presente texto, se é positiva a atitude subalterna que o homem religioso assume perante Deus, ou aos deuses, bem como se o propósito verdadeiro com a crítica da religião não seria algo positivo. Com efeito, o filósofo medita visando ampliar seus conhecimentos acerca da religião a fim de contribuir, teoricamente, com a promoção da liberdade humana na vida social e também com a construção de um possível mundo melhor. Assim, justifica-se o volume expressivo

SENTIDO DA CRÍTICA À RELIGIÃO NO PENSAMENTO...

Arlei de Espíndola

que alcançou suas pesquisas em relação à religião, no sentido histórico, no âmbito geral de sua obra. Cito Feuerbach: “o conhecimento da religião para a promoção da liberdade humana, da autonomia e do amor determinou [...] toda a extensão de minha abordagem histórica da religião. Tudo o mais que era sem importância em função desse intento deixei de lado” (FEUERBACH, 1989, p. 28).

Veja-se que é característico do trabalho de Feuerbach, apesar de ele manter a unidade e a coerência, conservar a propensão ao paradoxo quando ele reúne elementos, por exemplo, a fim de recusar a religião. Isto acontece em virtude de que a religião guardaria consigo também outra face pela qual seria definida como algo atrativo e saudável. Lembro, a fim de ilustrar, o “sentimento de dependência” que aparece na escrita do filósofo enquanto causa da religião. Esse sentimento irradia-se marcado pela aludida tensão, pela indicada ambiguidade, uma vez que ao sentir-se diminuído, quando se apercebe dependente da natureza, o homem experimenta igualmente o sentimento contrário. Aí ele apreende-se, mostrando o lado positivo da religião, enquanto um ser independente, distinto da natureza, afirmando-se com sua individualidade, com sua subjetividade, embora no ponto de partida ocorra o oposto disto. Argumenta Feuerbach:

Sinto a dependência da natureza sobretudo na necessidade mesma que tenho dela. Esta necessidade é o sentimento e o signo de meu ‘não ser’ nada sem ela; mas inseparável da necessidade se encontra o sentimento oposto, o sentimento de meu ser individual, fundamento de minha independência ao ser distinto da natureza (FEUERBACH, 2008, p. 55).

Movido pelo sentimento de dependência, o homem impulsiona o surgimento da religião que afirma inicialmente seu estado de ser submisso. Entretanto, a finalidade mesma da religião (reforçando-se a ideia do paradoxo) está em elevar, em salvaguardar, o homem, tornando-o um ente livre e também divino. Passo a palavra ao filósofo:

O sentimento de dependência respeito à natureza é por isso, certamente, a causa da religião; mas a superação de tal dependência, a liberdade respeito à natureza é a finalidade da religião. Ou também: a divindade da natureza é com segurança a base, o fundamento da religião (e por certo, de todas as religiões, incluída a cristã) mas o fim último da religião é a divindade do homem (FEUERBACH, 2008, p. 57).

100

SENTIDO DA CRÍTICA À RELIGIÃO NO PENSAMENTO...

Arlei de Espíndola

Essa mesma polaridade enuncia-se também na prática religiosa do “sacrifício”, cuja fonte encontra-se no próprio “sentimento de dependência”. Essa atitude comporta em si mesma, de um lado, algo de negativo, de ruim, mas, de outro lado, carrega algo de positivo, de bom, valendo acreditar que por detrás do sacrifício, por detrás de sua negatividade, vislumbrar-se-ia um objetivo nobre, apontando para o crescimento humano. Esse êxito é revelado ao mundo, basicamente, pela superação do medo, pela aquisição da autoconfiança, pela sobreposição diante da natureza, pela conquista da liberdade, da felicidade, enfim, pela ascensão humana ao grau de ser divino. A despeito da face cruel do “sacrifício”, difundida com a devoção do homem religioso a Deus, nele está inscrito a certeza, portanto, de que o ser humano nasceu para alcançar a plenitude em todos os sentidos. Assevera Feuerbach:

No sacrifício se concentra e adquire forma a essência da religião. O fundamento do sacrifício é o sentimento de dependência: o medo, a dúvida e a incerteza enquanto ao futuro, o remorso pelo pecado cometido; mas o resultado, o fim do sacrifício, é o sentimento de autoconfiança: o valor, o gozo, a certeza do êxito, a liberdade e a felicidade. No sacrifício me mostro como servo da natureza, mas atrás do sacrifício me mostro como senhor da natureza (FEUERBACH, 2008, p. 57).

101

Não obstante, é verdade que Feuerbach conserva, nos seus textos, uma atitude predominantemente negativa em face da religião, embora essa não se equipare, a título ilustrativo, com a de Marx.⁸ Seguindo seu próprio caminho, ao compreender que toda negação de caráter científico é um ato positivo do espírito, Feuerbach espera a oportunidade de afirmar a religião autêntica. Ele refuta as crenças tradicionais que contêm o poder, sobremaneira, de anular e subjugar o homem, reduzindo-o, notadamente, a um ser sem lugar no mundo terreno. O filósofo alimenta a expectativa de que esse último seja iluminado pelas luzes da razão uma vez que essa faculdade deve esclarecê-lo, entre tantas coisas, sobre o sentido da vida, sobre a verdade, sobre a justiça.⁹ Esse propósito de Feuerbach reflete-se, em parte, no texto a seguir onde ele discorre sobre seu objetivo em

⁸ Marx pensa que um dia o homem poderá viver sem religião, pois essa não passa de uma instituição negativa e temporária, um reflexo dos desajustes políticos e sociais, servindo de aparelho ideológico ao Estado. Para ampliar a reflexão, leia-se: MARX, Karl. *O capital; crítica da economia política*. Trad. de Rubens Enderlé. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 154.

⁹ Essa perspectiva racionalista e iluminista marca presença na reflexão de Freud que propõe o confronto entre ciência e religião, colocando-se em favor da primeira. Veja-se essa leitura em: GAY, Peter. *Freud; uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 477-496. O leitor pode consultar diretamente, entretanto, os seguintes livros de Freud: “O futuro de uma ilusão” e “O mal-estar na civilização”.

SENTIDO DA CRÍTICA À RELIGIÃO NO PENSAMENTO...

Arlei de Espíndola

suas obras em geral e nas *Preleções* em particular, resumindo-se isso na ideia de afirmar a essência verdadeira do homem a partir da recusa de teólogos, de teófilos, de servos religiosos e políticos, dentre outros, encarando semelhante desafio enquanto algo positivo, tal como se dá na crítica especificamente da religião. Escreve Feuerbach:

A meta de minhas obras assim como de minhas preleções é: tornar os homens de teólogos, antropólogos, de teófilos, filantropos, de candidatos do além, estudantes do aquém, de servos religiosos e políticos da monarquia e da aristocracia terrestre e celeste, cidadãos da terra, livres e conscientes. Minha meta não é então negativa mas positiva, nego apenas para afirmar; nego apenas a aparência fantástica da teologia e da religião, para afirmar a essência real do homem (FEUERBACH, 1989, p. 28).

Feuerbach, em função desse entendimento, passou a estudar, em especial, o homem, Deus e a religião, e também a natureza. Daí emergiu um juízo adverso acerca, sobretudo, de Deus e da religião porque o filósofo concluiu que não existe um Deus tal como é concebido tradicionalmente, que se faz um ser suprassensível, abstrato, todopoderoso, que decide sobre a sorte dos homens no mundo: “É consequência de minha doutrina que não existe nenhum Deus, ou seja, nenhum ente abstrato, suprassensível, diverso da natureza e do homem, que decide sobre o destino do universo e da humanidade a seu bel-prazer” (FEUERBACH, 1989, p. 29).

Feuerbach reconhece a negação aí em jogo, a qual haveria de contribuir com a fixação do rótulo, a definição do epíteto, que o leva ao julgamento inadequado de ser um ateu abominável, um herege, um homem mal visto pelos crentes. O que lhe interessa como filósofo, todavia, é a verdade, é o desejo de afirmar o homem de carne e osso com toda sua essência, abrindo espaço para uma vida e um mundo diferente. Essa negação aí estabelecida, como um ato positivo do espírito, aspirando assentar as coisas nos seus devidos lugares, aponta, como produto de uma ciência, de um saber autêntico, que Deus: “nada mais expressa do que, por um lado, a essência da natureza, do outro lado, a essência do homem” (FEUERBACH, 1989, p. 29).

Convicto sobre a capacidade que o homem possui de encaminhar a construção de sua liberdade e autonomia, Feuerbach insurge-se contra a ideia de que ele próprio se engane como acontece na religião. O homem religioso, na chamada religião da natureza, elege, por exemplo, olhos e ouvidos enquanto seus objetos sagrados, os quais não passariam de artefatos de pedra e madeira. Em suma, o homem: “sabe, está vendo que se trata de olhos e ouvidos feitos de pedra ou de madeira e, no entanto, tem a crença de que

102

SENTIDO DA CRÍTICA À RELIGIÃO NO PENSAMENTO...

Arlei de Espíndola

são olhos e ouvidos verdadeiros” (FEUERBACH, 2008, p. 67). Aqui Feuerbach partilha a ideia de que o homem, na religião de um modo geral, conserva essa queda para assumir-se enquanto um ser ignorante, avesso à reflexão, indisposto a enxergar a verdade dos fatos, mantendo-se, portanto, acorrentado: “O homem na religião tem olhos só para isto, para não ver, para ser ultracego; [...] para não pensar, para ser ultra imbecil” (FEUERBACH, 2008, p. 65). Cabe a ele, todavia, reverter esse panorama marcado pela ignorância, neutralizar o falso conhecimento que produz a superstição, a fantasia, a fim de avançar seu entendimento acertado e correto sobre as coisas do mundo, visando fixar-se no lugar que lhe é de direito na sociedade. Enquanto isso não acontece, a hegemonia segue nas mãos de Deus retirando sua possibilidade de impor-se, de conquistar seu espaço, fazendo-se valer pelas qualidades que o dignificam: “ao lado de um deus o homem desaparece; só quando a terra se desdiviniza ascendem os deuses ao céu e de entes verdadeiros passam a ser entes só representados; só uma vez que os homens contem com lugar e espaço para si mesmos poderão manifestar-se e fazer-se valer como tais homens” (FEUERBACH, 2008, p. 70).

Chegando a um estágio superior em termos espirituais e intelectuais, apercebendo-se dos prejuízos da cegueira, da ignorância, o ser humano reconhece, exemplificando-se, que existe a natureza e que muitas coisas estão subordinadas aos seus ditames. Mas ele entende também que lhe é ruim deixar de utilizar-se de suas próprias forças, sobretudo as mentais e as intelectuais, pois essas o conduzem a identificar o valor de fazer-se virtuoso, sábio, e racional. O homem precisa, pois, compreender que: “apesar de sol e lua, céu e terra, fogo e água, plantas e animais, para sua vida é necessária a aplicação, a correta aplicação de suas próprias forças” (FEUERBACH, 2008, p. 72). Por esse caminho, os homens deixam para trás seus vícios, neutralizam os poderes de suas paixões, criando a chance de tornarem-se inteligentes, saudáveis, felizes, etc. Em síntese, conforme Feuerbach: “vício e necessidade tem como consequência enfermidade, infelicidade e morte e pelo contrário virtude e sabedoria trazem saúde, vida e felicidade” (FEUERBACH, 2008, p. 73).

O homem social não nasce pronto, mas é passível, ao contrário do selvagem, de lapidar-se, de desenvolver-se intelectualmente e espiritualmente, deixando de ser guiado pela força de suas paixões e de fazer-se presa de sua cegueira e do acaso. No cume de seu crescimento, consegue perceber que o mundo humano é dominado, por conta da presença da racionalidade, da inteligência, e da vontade, por uma sábia ordem, assim como já parece acontecer, aos olhos do filósofo, com a natureza:

tão pronto como o homem chegue a ser não como o selvagem, dominado só por impressões e paixões momentâneas devidas ao azar, senão um ser pensante, inteligente, que se move por princípios, por normas de sabedoria e por leis de razão, o parecerá o mundo igual como também é para ele a natureza: um ente dominado por, e dependente da, inteligência e vontade (FEUERBACH, 2008, p. 73).

A religião, assunto maior na vida intelectual de Feuerbach, e com o qual ele mais se ocupa, interessando-o “enquanto ela é o fundamento da vida humana, o fundamento da moral e da política, ainda que somente na fantasia” (FEUERBACH, 1989, p. 28), precisa ser considerada neste nexos com o pensar, com o juízo racional. Essa aparece enquanto uma coisano resolvida ainda no homem visto que carecede ser conhecida melhor na sua essência, atestando que seus mistérios resolvem-se na ligação, ao final, com a antropologia. Enquanto esse mal não é afastado, ela pode ser utilizada como instrumento para a dominação, para a opressão, esuscetível de ser dirigida, portanto, contra a humanidade. Então, surgeo filósofo com o desejo de neutralizar esse problema indicando que vale apostar no recurso às luzes da razão, pois essa é a arma capaz de afastar, de aniquilar, o que ele chama de “essência obscura da religião”. Assim, é possível enfrentar-se o despotismo praticado pela igreja, pelo poder clerical; é possível resistir-se diante do poder monárquico, da política autoritária. Em conclusão, afirma Feuerbach:

Interessa-me acima de tudo, e sempre me interessou, iluminar a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados, para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade que, como sempre, servem-se até hoje da nebulosidade da religião para a opressão do homem (FEUERBACH, 1989, p. 28).

Feuerbach julga necessário o homem tomar consciência de que sua “própria afetividade servil e medrosa, assim como [...] sua razão ignorante e inculta” (FEUERBACH, 1989, p. 28) trabalham contra si mesmo, pois geram os poderes que o conduzem ao sofrimento e à submissão; cabe a esse inverter, entretanto, essa realidade assumindo o entendimento de que ao tratar-se da religião é a sua própria essência que aparece na base, no fundamento. Se o homem sempre foi dominado por sua própria essência sem, no entanto, saber disto, agora ele poderá assentar a religião no lugar de sustentáculo de sua vida, de sua ética, de sua política, mantendo-se em conformidade

com a natureza mais substantiva que o caracteriza. Quer dizer, Feuerbach espera que o homem a todo tempo: “dominado inconscientemente só por sua própria essência, faça no futuro, conscientemente, de sua própria essência, isto é, da essência humana, a lei e o fundamento, a meta e o critério de” (FEUERBACH, 1989, p. 28) seus costumes, de seus governos, enfim, de suas instituições mais centrais e fundamentais.

O filósofo não pretende negar absolutamente, portanto, a religião e nem assumir-se enquanto um verdadeiro ateu.¹⁰ Ele entende que o homem saiu no prejuízo por lhe faltar um saber adequado, um real conhecimento, em torno de sua essência e da essência da religião. Compete-lheneste momento fazer-se paciente, pois “irá de agora em diante, ou um dia ao menos, a religião conhecida, resolvida no homem, determinar” (FEUERBACH, 1989, p. 28) seu destino no mundo.¹¹ Aferrado a isso, ele haverá de ancorar em uma sociedade capaz de premiá-lo com os bens que lhe são de direito e dos quais não desfruta enquanto permanece acorrentado.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **O que é religião**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ARVON, Henri. **Ludwig Feuerbach ou la transformation du sacré**. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

RUGGER, Walter. **Dicionário de filosofia**. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. 2 ed. São Paulo: Herder, 1969.

CABADA CASTRO, Manuel. **El humanismo premarxista de Ludwig Feuerbach**. Madrid: Editorial Católica, 1975.

FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Trad. de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

_____. **Pensamientos sobre muerte e inmortalidad**. Trad. de José Luis Garcia Rúa. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

¹⁰Spénlé ao entender que Feuerbach não pretende atacar a religião, mas sim a teologia, refere-se a ela como uma: “necessidade eterna do coração humano” (SPENLÉ, J.-E. *O pensamento alemão; de Lutero a Nietzsche*. Coimbra: Arménio Amado, 1963, p. 125). Já, em relação a seu possível ateísmo, afirma Feuerbach, conclusivamente: “Quem não diz de mim outra coisa senão que sou um ateu, não diz nem sabe nada de mim” (FEUERBACH apud HOOK, Sidney. *La genesis del pensamiento filosófico de Marx; de Hegel a Feuerbach*. Madrid: Barral, 1974, p. 276).

¹¹ Eis uma ideia, enfim, com a qual Feuerbach por certo concordaria: “Sem religião permanece ele (o homem) deformado no que tem de mais precioso, por preciosos que sejam os dons e admiráveis as obras que possa praticar” (BRUGGER, Walter. *Dicionário de filosofia*. 2 ed. São Paulo: Herder, 1969, p. 356).

_____. **A essência do cristianismo.** Trad. de José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **L'essenceduchristianisme.** Trad. de L'allemand par Jean-Pierre Osieraveclacollaboration de Jean-Pierre Grossein. Paris: Gallimard, 2011.

_____. **La esencia de lareligión.** 2 ed. Trad. de Tomás Cuadrado. Madrid: Páginas de Espuma, 2008.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo.** Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, Vol. XXII.

GAY, Peter. **Freud; uma vida para o nosso tempo.** Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOOK, Sidney. **La genesisdelpensamientofilosofico de Marx; de Hegel a Feuerbach.** Trad. de JacoboMuñoz y JosepPuig. Madrid: Barral, 1974.

LÖWITH, Karl. **De Hegel à Nietzsche.** Trad.RémiLaureillard. Paris: ÉditionsGallimard, 1981.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel- Introdução.** Trad. de Rubens Enderlé e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **O capital; crítica da economia política.** Trad. de Rubens Enderlé. São Paulo: Boitempo, 2013, Livro I.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** Trad. de Luis Claudio de Castro e Costa. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PHILONENKO, Alexis. **La jeunesse de Feuerbach; introduction a sespositionsfondamentales.** Paris: Vrin, 1990, Tome I e II.

RANIERI, Jesus. **Trabalho e dialética; Hegel, Marx e a teoria social do devir.** São Paulo: Boitempo, 2011.

SABOT, Philippe (éd). **Héritages de Feuerbach.** Lille: PressesUniversitairesduSeptentrion, 2008.

SPENLÉ, J.-E. **O pensamento alemão; de Lutero a Nietzsche.** 2 ed. Trad. de Mário Ramos. Coimbra: Arménio Amado, 1963.